



Práticas músico-vocais na educação básica e os sentidos construídos na aproximação de dois contextos educativos

Comunicação

André Alfredo Coelho
Universidade Federal do Pampa
andrecoelho.aluno@unipampa.edu.br

Gabrielle Coggo
Universidade Federal do Pampa
gabriellecoggo.aluno@unipampa.edu.br

Geovanna Vieira da Glória
Universidade Federal do Pampa
geovannagloria.aluno@unipampa.edu.br

Lúcia Helena Pereira Teixeira
Universidade Federal do Pampa
luciateixeira@unipampa.edu.br

Luiz Marques
Universidade Federal do Pampa
luizmarques.aluno@unipampa.edu.br

Lygia Aguirre Azambuja
Universidade Federal do Pampa
lygiaazambuja.aluno@unipampa.edu.br

Maria Paula da Rosa Gonçalves
Universidade Federal do Pampa
mariapdrg.aluno@unipampa.edu.br

Patrick Barnabé de Lima da Silva
Universidade Federal do Pampa
patricklima.aluno@unipampa.edu.br

Resumo: Esta comunicação tem por foco relatar práticas músico-vocais propostas por discentes do curso de Música – Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé/RS, a estudantes de 3º ano de uma EMEF da referida cidade. As atividades fizeram parte da carga horária prática do componente curricular *Práticas Vocais na Educação Musical I*. A introdução apresenta alguns estudos dedicados à voz infantil na escola de



educação básica, passando-se, em seguida, a contextualizar a escola e a turma. É descrito o planejamento das atividades e como ocorreram as práticas músico-vocais. As reflexões propostas, para além das aprendizagens estritamente técnico-musicais, centram-se nos sentidos que as práticas parecem ter provocado nos estudantes, considerando-se o contexto, desde seu deslocamento semanal da escola até o campus universitário, passando a ter contato com uma realidade totalmente diversa da que estavam habituados. Também são descritas as percepções da equipe discente com relação às movências provocadas não só nos estudantes, mas nas professoras que acompanharam as atividades, bem como na comunidade escolar.

Palavras-chave: práticas músico-vocais na educação básica; ensino fundamental; formação docente.

1 Introdução

O canto na escola está presente desde a Educação Infantil, geralmente servindo como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades motoras na criança, como suporte à aprendizagem de outras áreas do conhecimento, ou mesmo visando à participação em atividades comemorativas, como revelam resultados de pesquisas (SOUZA et. al., 1995; MELO, 2018).

Mateiro, Vechi e Egg (2014), em artigo publicado na Revista da ABEM, trazem o estado da arte sobre o ensino do canto na escola durante o período 1992 - 2012, a partir de publicações nas revistas da ABEM e MEB, além de pesquisa nos Anais dos Congressos Nacionais da ABEM. Resultados apontam a realização de atividades de canto junto às demais práticas musicais, tais como jogos, brincadeiras, criação e composição, canto coral, entre outras. As autoras constataram escassez de trabalhos científicos sobre a prática do canto no ensino fundamental. Com foco específico na prática do canto na escola, foram encontradas as pesquisas de Roberty (2016) e Egg (2016).

Roberty (2016) procurou medir a extensão vocal mais usada por crianças entre oito e onze anos de idade. Resultados da investigação apontaram que as crianças cantam principalmente utilizando a região mais grave de sua extensão vocal. Já Egg (2016) investigou os procedimentos de um professor, com atividades cantadas em sala de aula, em uma escola de educação infantil, com crianças de quatro e cinco anos, trazendo também reflexões acerca da formação docente voltada à voz, especificamente.



Com relação ao foco na formação docente para o trabalho voltado à voz, o componente *Práticas Vocais na Educação Musical I*, integrante da matriz curricular do curso de Música – Licenciatura da UNIPAMPA, em seu 3º semestre, tem por objetivo o estudo de tópicos sobre a produção vocal da criança e a elaboração de atividades pedagógicas para o trabalho com a voz infantil. Parte de sua carga horária é destinada à prática como componente curricular e tais atividades práticas, no semestre 2022/1, foram realizadas com uma turma de terceiro ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Gabriela Mistral, na cidade de Bagé/RS.

O vínculo com a escola foi facilitado porque a professora de Arte é também discente do curso de Música e levou a ideia da interação dos discentes com estudantes à direção. Esta, ficou entusiasmada com a possibilidade de que os alunos pudessem participar de atividades de canto e conseguiu, junto à Secretaria Municipal de Educação, seu deslocamento de ônibus, da escola ao campus da UNIPAMPA. A atividade foi também agregada às comemorações da Semana de Bagé, resultando em uma apresentação pública ao final das práticas músico-vocais.

2 Contextualização da escola e da turma

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Gabriela Mistral situa-se no bairro Santa Carmen, possui 145 alunos matriculados em turmas únicas, oferecidas nos turnos manhã e tarde, atendendo à comunidade domiciliada nas proximidades. A estrutura física compreende quatro salas de aula, banheiros, refeitório, sala de informática, secretaria/direção e pátio. São ofertados os seguintes níveis: Educação Infantil, Anos Iniciais e Anos Finais até o 8º ano. A escola conta com professores especializados em Arte e Educação Física, com uma hora de aula semanal cada. A turma contemplada com as práticas pedagógicas, como mencionado, foi a do terceiro ano, com 24 alunos entre oito e nove anos, sendo nove meninos e quinze meninas.

Os alunos desta turma possuem uma característica muito diferenciada dos demais terceiros anos, pois foram alfabetizados durante o período de ensino remoto, devido à pandemia de Covid-19. Assim, completaram o ano de 2020 estudando de forma on-line, e quase a totalidade do 2º ano, em 2021, divididos entre grupo presencial e híbrido. Em 2022,



o ensino passou a ser novamente presencial, e, conforme relato das professoras envolvidas, pode-se perceber um resultado de aprendizagens repletas de lacunas e defasagens.

Os estudantes também se caracterizam por pertencerem a estruturas familiares diversas, possuindo famílias constituídas somente por mãe ou pai; já, outros, têm como responsáveis avós ou outros familiares. Essas modificações no núcleo da família ocorrem, muitas vezes, porque pai e/ou mãe encontram-se impedidos de convívio familiar e social por restrições judiciais impostas, ou por medidas protetivas do Conselho Tutelar. Há casos, ainda, em que os genitores encontram-se encarcerados.

3 Visitando a escola e a turma

Foi realizada uma visita à escola e à turma, para apresentação dos discentes, momento para o qual haviam sido preparadas duas canções para a interação com os alunos – *Peixinhos do Mar* e *Marinheiro Só*, ambas de domínio público.

Ao chegarmos à escola, fomos recebidos pela diretora, pela regente da turma e pela professora de Arte. Logo nos direcionamos a uma sala para o aquecimento vocal e as combinações finais para os procedimentos com a atividade que seria proposta para a turma de terceiro ano. Em seguida, ao adentrarmos o refeitório, local em que as aulas de arte acontecem, fomos recebidos com música e dança, denotando que os alunos estavam habituados à presença da música nas aulas do componente de Arte.

Iniciamos o processo de contato com a turma realizando exercícios de aquecimento vocal conectados à contação de história, o que, segundo Pereira (2012), é uma ferramenta didática facilitadora da execução dos exercícios propostos, já que pode trazer maior relação com aspectos do cotidiano do aluno e com a dimensão lúdica. Para isso, foi criada uma narração sobre o pirata Barba Preta, que ambientaria as canções que seriam trabalhadas. Assim, sons eram produzidos intencionalmente a fim de estimular as crianças na interpretação dos personagens e das ações sugeridas.

Após esse momento, a turma já estava mais descontraída e curiosa sobre os próximos passos da prática. Na sequência, apresentamos as canções *Peixinhos do Mar* e *Marinheiro Só*, que as crianças não conheciam. As músicas foram ensinadas por versos, através da imitação. Segundo Sobreira (2017), essa metodologia de ensino ajuda a criança a



lembrar de padrões rítmicos e também melódicos com maior facilidade. Com o objetivo atingido, passamos para o processo de coreografia, em que os discentes demonstravam o movimento e os alunos o repetiam até que a dança acontecesse de forma fluida.

4 Do planejamento das atividades às práticas músico-vocais

Nosso grande desafio no planejamento das aulas era adequar o tempo de uma hora, que nos foi disponibilizado com os alunos, de forma que todos pudessem realizar as práticas pedagógicas. Éramos oito discentes e, para tal, decidimos atuar por duplas em cada canção escolhida, dividindo o tempo disponível. Assim, fizemos um plano de trabalho que envolveu três aulas com os alunos e um “ensaio geral” para a apresentação musical.

4.1 O impacto do primeiro dia de visita à universidade

Ao nosso primeiro encontro, no campus Bagé da UNIPAMPA, compareceram quase que a totalidade dos 24 estudantes, com idades entre oito e nove anos que, logo ao chegarem ao campus, se surpreenderam com a estrutura da universidade, principalmente com o tamanho das salas de aula. Além disso, estudar na fase adulta também virou motivo de surpresa para as crianças, já que, ao avistarem uma das salas de aula repleta de adultos sentados, com a presença de um professor, ficaram curiosas: “Bah! Gente grande também assiste aula!?” (Exclamação de aluno de oito anos de idade). Esse cenário, até então, na concepção dos alunos, era pertencente somente ao universo infanto-juvenil. O mesmo estudante seguiu, comentando com um colega: “Daqui a uns anos a gente também estará estudando na UNIPAMPA”. “Eu e tu?” Diante da pergunta do colega, seguiu enfatizando: “Não... todos nós! Estudar é direito de todos!”.

Já no laboratório de práticas musicais do curso, local das atividades pedagógicas, os alunos ficaram empolgados por aquela ser a sua primeira vez em um ambiente diferente da escola. Era notório o correr dos olhos pela sala, os movimentos atentos e concentrados presentes até em ações como beber água, onde iam pegar suas garrafinhas e imediatamente voltavam para a roda para ouvir qual seria a próxima solicitação da dupla que estava regendo.

4.2 Como as atividades ocorreram



Logo nas primeiras conversas acerca do repertório que seria trabalhado com as crianças, observamos a necessidade de trazer uma canção gaúcha, visto que havíamos assumido um compromisso com a apresentação que celebraria o aniversário de 211 anos da cidade de Bagé. Após trocas de ideias, foi escolhida a canção *Ponto de Luz*, da autoria de Fábio Peralta, ex-discente do curso de Música, e composta em homenagem à cidade.

A proposta de trabalho inicial foi a de dividir a turma de alunos em quatro grupos, conforme a estrutura da canção. Tais estrofes seriam recitadas como poemas sobre um acompanhamento ao violão, no ritmo de milonga¹, em alusão às declamações presentes na tradição cultural gaúcha. Optamos pela recitação porque não tínhamos muito tempo disponível para o ensino da canção. Assim, decidimos ensinar a eles somente a melodia do refrão.

No primeiro encontro com os alunos, apresentamos quem era o compositor e a nossa versão da música, colocando o foco no refrão, que envolvia a voz cantada. Sendo assim, definimos a tonalidade mais adequada ao canto infantil, considerando-se o contorno melódico daquela canção, visto que, aproximadamente até os 11 anos de idade, existe pouca diferença entre a extensão vocal de meninos e meninas (PEREIRA, 2012). No segundo contato, porém, focamos na voz falada. Nossa intenção era dividi-los em grupos, já visando à apresentação, e trabalhar com cada uma das estrofes, de forma que os alunos as entoassem com a intenção que o professor pedisse. Depois de divididos os grupos, apresentamos a “caixa de sentimentos”, de onde os alunos sortearam palavras como “Confiante”, “Alegre”, “Triste”, “Com Sono”, entre outras, e recitavam sua parte com aquela intenção. Eles ainda contavam com o auxílio de uma cópia escrita da letra, porém percebemos que alguns dos alunos tinham muita dificuldade na leitura, e se concentravam mais nela do que na intenção que deveria ser buscada. Antes desta atividade nós não sabíamos que alguns dos alunos ainda estavam em fase de pré-alfabetização, mesmo se encontrando no 3º ano, pois ainda não havíamos tido conhecimento sobre os aspectos específicos de sua alfabetização, conforme relatado no início deste artigo. Percebendo esta dificuldade, mudamos nossa metodologia para não utilizarmos a escrita nas aulas seguintes.

¹ Ritmo originário da bacia do rio da Prata. Pode ser tocado na forma dedilhada, ao violão, no compasso 4/4, com colcheias agrupadas em 3+3+2, sendo esta sua variação mais utilizada para acompanhamentos de poesias recitadas.



No terceiro encontro fomos surpreendidos com a chuva, o que nos fez mudar os planos para o trabalho. Fizeram-se presentes menos de 10 alunos, e começamos a trabalhar sem a divisão em grupos, e sim com a turma inteira declamando a parte falada para depois cantar. Nessa direção, Silva (2020) nos lembra da importância de mantermos a calma diante dos imprevistos. As surpresas no planejamento podem ser vistas como aliadas, pois muitas vezes é a partir desses imprevistos que a aula se torna mais rica. “Conhecer e estar atenta ao grupo de crianças com o qual se trabalha é fundamental para identificar a necessidade de mudar o planejamento e, mais ainda, para saber que caminhos seguir, que decisões e providências tomar a partir disto” (SILVA, 2020).

Nos encontros seguintes, percebemos que as crianças estavam tendo muita facilidade em declamar a letra da canção. Soubemos então, pela professora, que ela havia reforçado o trabalho durante a semana, o que foi de grande importância na aprendizagem e memorização das canções, denotando o quanto a comunidade escolar estava envolvida nesse processo.

No dia da visita à escola, a turma havia cantado a canção *Meu Abrigo*, da banda Melim. Procurando nos ater ao estilo musical apresentado espontaneamente pelas crianças, e considerando o contexto familiar e pessoal da turma, que nos foi exposto pela professora regente, escolhemos como segunda canção *Valeu Amigo*, do intérprete Menor, a fim de abordarmos os aspectos da amizade, do amor e da gratidão.

Primeiramente, objetivamos o ensino do refrão da música, na tonalidade de Mi maior, já que havíamos decidido, anteriormente, que esta seria uma tonalidade adequada à extensão vocal das crianças nesta canção. Iniciamos contextualizando-a. Então, apresentamo-la tocando e cantando e depois subdividimos, no decorrer dos quatro encontros, toda a estrutura da canção, ensinando-a por imitação. A partir do segundo encontro, sentimos falta de proporcionar um aquecimento vocal às crianças. Assim, escolhemos uma frase da canção para realizarmos o aquecimento, subindo, em modulações cromáticas e, em seguida, descendo, buscando não extrapolar a extensão vocal para uma região muito aguda ou muito grave. Segundo Gaborim e Moreira (2015), “os vocalizes vêm dar refinamento ao som vocal, aperfeiçoando o trabalho desenvolvido nas etapas anteriores”. Realizamos o exercício no entorno do piano, momento em que pudemos



perceber que, para a maioria, o instrumento musical era uma grande novidade. Combinamos com os estudantes que, para a aula realizada no auditório do campus, que corresponderia ao ensaio geral, cada aluno deveria trazer seu brinquedo favorito a fim de cantar para o seu “amigo”.

Sendo de origem italiana, um dos discentes da terceira dupla propôs a tradicional canção *La Bella Polenta*. Primeiramente, ensinamos a pronúncia das palavras e o significado, em português, da letra. Para esta canção também trabalhamos com vocalize específico a partir de uma das frases da mesma. A canção é cumulativa² e, para que as ações fossem memorizadas e lembradas, fizemos uso de gestual.

A última canção proposta foi *Era uma vez*, da cantora Kell Smith, e foi escolhida pela temática que traz, abordando a importância da infância, das brincadeiras, e do quanto é essencial aproveitar essa fase da vida. No primeiro encontro, apresentamos um vídeo da canção e as crianças ficaram muito atentas, tendo algumas até se emocionado. Após, tivemos um momento de conversa em que perguntamos a elas qual sua opinião sobre o vídeo, quais suas brincadeiras favoritas, qual a importância de ser criança. Elas se empolgaram muito com a temática da música e com a história do videoclipe. Foi notável a alegria dos alunos em compartilhar com os demais suas brincadeiras favoritas.

Como não seria possível ensinar a canção completa, em razão do tempo disponível, cantamos a parte escolhida com acompanhamento de violão. Na aula seguinte, iniciamos com alongamentos corporais e aquecimentos vocais remetendo à história do *Barba Preta*, que havia sido apresentada a eles no primeiro encontro, ocorrido na escola, conforme já mencionado. Percebemos certa dificuldade na memorização da letra e, com isso, tivemos a ideia de implementar uma coreografia com gestos que remetessem ao texto da letra da música. Com a inclusão dos movimentos corporais, os estudantes se mostraram muito mais expressivos e isso impactou diretamente em suas vozes, no resultado do canto coletivo.

4.3 O ensaio geral e a apresentação pública

²A canção cumulativa possui estrutura de verso que permite a adição progressiva de ações/palavras, de forma que cada novo verso vai se tornando mais longo que o anterior. Pode servir também como jogo de memória. Disponível em: https://stringfixer.com/pt/Cumulative_song. Acesso em: 08 ago. 2022.



Nosso último encontro com as crianças na UNIPAMPA ocorreu no auditório. Visando ao trabalho da questão de exposição pública que vivenciaríamos na apresentação, contamos com a interação da turma de *Práticas Musicais em Conjunto I* que, tendo sido convidada, assistiu ao ensaio. Como combinado, todos os alunos levaram seus brinquedos favoritos e os posicionaram na plateia. Dessa forma, o clima de apresentação tomou conta do ambiente e os alunos aparentavam estarem mais confiantes pela presença dos seus “amigos” queridos no público.

Formamos um semicírculo perto do piano, que já havia sido notado pelas crianças, e realizamos o alongamento corporal e aquecimento vocal. Dessa forma, após a preparação da voz, sentimos a necessidade de colocar as crianças em um lugar de destaque, já as preparando para a apresentação. Foram retomadas as canções, acompanhadas de violão e piano. Também foram lembrados os movimentos corporais trabalhados em cada música.

Na mesma semana do ensaio, uma aluna, em especial, usando o próprio celular, filmou-se cantando uma das músicas do repertório e pediu à professora de Arte que o vídeo fosse encaminhado à dupla responsável pela mesma. Isso nos mostrou o quanto a música vai muito além de elementos técnico-musicais, provocando nas pessoas o estabelecimento de relações sensoriais, simbólicas e afetivas (SOUZA, 2004). A apresentação moveu a aluna a estudar em casa, sem a necessidade de um direcionamento das discentes, como uma reação espontânea. Esta se mostrava preocupada com a futura performance, conforme sua explicação, antes de cantar. A menina gravou-se no quarto, mostrando seu aposento e a TV onde assistia ao videoclipe da canção, demonstrando encontrar-se muito à vontade.

Antecedendo a apresentação musical, realizamos uma reunião com os responsáveis pelas crianças, aproveitando um início de turno escolar. A diretora da escola, a professora regente, a professora de Arte e a docente do curso de Música convidaram os presentes a levarem seus filhos àquele que seria talvez um dos momentos mais significativos para todos. Foram relatados aos pais alguns impactos percebidos nos alunos, pelas educadoras, nos momentos das visitas à universidade, conectando à percepção daquele como sendo um lugar possível para quando os estudantes chegarem no momento de escolherem uma profissão. Esse ponto precisava ser reforçado também com os responsáveis, que nem sempre percebem a universidade como uma possibilidade para si e seus filhos.



No dia da apresentação, já no Palacete Pedro Osório, localizado no centro da cidade, repassamos todo o repertório musical. Percebemos que, quando estimulávamos que cantassem forte para serem ouvidos, os estudantes não sabiam diferenciar entre dinâmica musical e "gritos". Pela falta de tempo, não conseguimos trabalhar questões tão importantes como essa. Percebemos também que os alunos cantaram as canções exatamente como combinamos. A apresentação musical culminou o trabalho como um momento emocionante entre os alunos, entre estes e os discentes, e entre as crianças e a plateia.

Particularmente, na canção de abertura – *Ponto de Luz* –, a dupla de regentes vinha tendo, durante os encontros com os alunos, suas funções distribuídas entre regente e instrumentista, com acompanhamento ao violão. Tal distribuição se deu ao longo dos ensaios, em função da experiência prévia de cada discente com a voz e instrumento musical. No momento da apresentação da canção, porém, a regência acabou sendo realizada pelo discente que fazia o acompanhamento. Isso ocorreu porque a discente regente não esteve presente no último ensaio devido a problemas de saúde. Assim, o discente que fazia o acompanhamento assumiu a regência também na apresentação final, sinalizando com a cabeça para os alunos entrarem declamando, de modo a sincronizar com a harmonia tocada. Esse acontecimento evidenciou, para os discentes, a necessidade de se desenvolver a capacidade de improvisar, pois situações inusitadas são possíveis de ocorrerem. O discente que fazia o acompanhamento estava bastante nervoso com a situação de protagonismo da regência frente aos alunos. Envolver-se em todas as etapas do processo, durante os encontros de atividades, pode fornecer subsídios para lidar com situações inusitadas (MADEIRA; MATEIRO, 2015).

Outro ponto que merece destaque no momento da apresentação, foi a participação dos colegas discentes dispostos atrás dos alunos, garantindo uma definição mais precisa dos contornos melódicos das canções. Ao final da última música apresentada pelas crianças, a plateia foi convidada a cantar *La bella polenta*, coordenada pela dupla responsável pela canção.

O chamamento aos responsáveis, durante a reunião na escola, parece ter surtido efeito, pois quase todos acompanharam seus filhos ao Palacete, um espaço onde ocorrem exposições de arte na cidade e cujo palco fica à disposição de grupos artísticos, através de



agendamento. Ouvimos relatos sobre o esforço feito por alguns pais para conseguirem se deslocar da periferia ao centro da cidade, após o seu trabalho. Muitos visitavam o local pela primeira vez. A turma representou a EMEF Gabriela Mistral e também as demais escolas do município na Semana de Bagé. Encontravam-se presentes o secretário de educação, um representante da equipe pedagógica da SMED, a direção e coordenação pedagógica da escola, além das professoras envolvidas. Pessoas da comunidade, demais discentes e professores do curso de Música e de outros cursos, além da direção do campus Bagé, também foram convidados a assistirem a apresentação. A pedido da professora de Arte à prefeitura, foram ainda disponibilizados funcionários que, fantasiados de animais (cachorro, leão), adentraram o auditório, ao final da apresentação, entregando mimos às crianças.

5 Reflexões finais

Dentre as maiores aprendizagens que tivemos durante os encontros, destacamos os laços que se estabeleceram entre discentes e estudantes durante as práticas músico-vocais. Os vínculos construídos entre crianças e discentes e entre escola e universidade nos revelou o quanto pais e responsáveis precisam estar conectados às instituições educativas a fim de que os estudantes possam vislumbrar uma possibilidade de sequência em seus estudos. Também a escola conectada à universidade proporciona outros sentidos à educação, lançando luzes ao porvir.

Naqueles dias, de certa forma, acompanhamos de perto o cotidiano dos alunos, que contou com situações complicadas para deslocamento, novos cortes de cabelo para participar das aulas, composições musicais dentro do transporte que os levava da escola ao campus, entre outros. A apresentação, os momentos na UNIPAMPA, foram muito especiais, não só pelas aprendizagens musicais, mas pelas reverberações dos encontros em cada um dos participantes.

A apresentação final esteve carregada de significados relevantes, tanto para os envolvidos nas apresentações, quanto para a família, que se encontrava na plateia. Percebeu-se o sentimento de orgulho vindo dos familiares. Ao levarmos em conta um contexto social que, muitas vezes, não tem acesso a bens culturais e educacionais, percebemos que aproximações como esta podem promover um estreitamento na relação comunidade/universidade.



Ouvimos relatos da professora regente mencionando que, a partir desses encontros, se viu relembrando o passado, voltando a ser criança e aproveitando o fazer musical como uma expressão de amor, relevância, pertencimento, memórias e, sobretudo, alavancando a esperança de que, em alguns anos, os seus alunos, moradores daquele bairro periférico, possam estar sentados nas salas de aula de uma universidade federal, pública e gratuita. A nosso ver, o impacto mais relevante das práticas músico-vocais para a comunidade foi a possibilidade de crianças e responsáveis se perceberem como seres partícipes da vida social mais ampla e a abertura à perspectiva de alcance de um futuro, talvez, até então inimaginável.

As visitas semanais ao campus universitário, o ambiente da sala onde ocorreram as aulas, além da disposição às interações entre os participantes das atividades possibilitaram o compromisso tácito firmado entre estudantes e discentes através da presença aos encontros, mesmo em alguns dias com condições climáticas rigorosas. Revelaram-se encontros cheios de vida e expectativas, sendo mantido, nitidamente, o prazer de cantar coletivamente, gerador de enfrentamentos e desafios da timidez e do ouvir a própria voz. Viveram-se histórias repletas de afetos e memórias que nos fizeram compreender que todos podem enCantar.



Referências

EGG, Marisleusa de Souza. *A prática pedagógica de um professor na Educação infantil: um estudo sobre as atividades cantadas nas aulas de música*. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) – UDESC, Florianópolis.

GABORIM, Ana Lúcia Iara; EGG, Marisleusa de Souza. Cantando na escola: caminhos e possibilidades para uma educação músico-vocal. *Revista NUPEART*, publicação do Centro de Artes (CEART), da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), v.19, p. 35-56, 2018.

MADEIRA, Ana Ester Correia; MATEIRO, Teresa. Imprevisibilidade e surpresas na aula de música: análise e reflexões de um professor. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 21., 2015, Natal. *Anais...* Natal: 2015. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v1/papers/1266/public/1266-4388-1-PB.pdf. Acesso em: 10 de agosto 2022.

MATEIRO, Teresa; VECHI, Hortênsia; EGG, Marisleusa de Souza. A prática do canto na escola básica: o que revelam as publicações da ABEM (1992-2012). *Revista da ABEM*, publicação da Associação Brasileira de Educação Musical, v. 22, n. 33, p. 57-76, jul./dez. 2014.

MELO, Guilherme Moreira de. *Vivências musicais em um projeto de formação continuada e o lugar da música nas práticas pedagógicas de professoras unidocentes*. 2018. Monografia de conclusão de curso (Música) – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa.

PEREIRA, Ana Leonor. A voz cantada infantil: pedagogia e didática. APEM, *Estudos*. Disponível em: https://www.apem.org.pt/page14/downloads/files/artigo_apem_voz_pdf.pdf. Acesso em: 08 de agosto 2012.

ROBERTY, Bruno Boechat. *A extensão vocal infantil: um estudo sobre a voz infantil no contexto do ensino regular brasileiro*. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) – UNIRIO, Rio de Janeiro.

SILVA, Thamyres Pacheco. *Planejamento pedagógico na educação infantil: Trajetórias docentes e reflexões no contexto municipal porto-alegrense*. Porto Alegre. 2020. Monografia de conclusão de curso (Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical



SOBREIRA, Sílvia (Org.). *Se você disser que eu desafino...* Rio de Janeiro: UNIRIO: Instituto VillaLobos, 2017.

SOUZA, Jusamara (et al). O que faz a música na escola?: Concepções e vivências de professores do ensino fundamental. *Série Estudos*, Porto Alegre, n. 6, 2002.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, 7-11, mar. 2004.